

Ensino, pesquisa e extensão na prática do jornal Laboratório *Campus* da UnB: a experiência da reportagem ‘Todos os jornalistas do presidente’

Juliano Basile e Fábio Henrique Pereira*

Índice

1 Um acesso às condições reais de produção do noticiário	2
2 Por que o Palácio do Planalto?	3
3 As rotinas do Comitê e as reações à matéria	4
4 Os reflexos da experiência	4
5 Referências	5

*Juliano Basile é mestrando em Comunicação pela Universidade de Brasília. É formado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) e em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB). É repórter do jornal Valor Econômico desde 2000. Antes, trabalhou como repórter na Folha de S.Paulo e na Gazeta Mercantil. Em janeiro de 2005, cursava a disciplina Campus II na UnB, trabalhando na produção do jornal-laboratório *Campus*.

Fábio Henrique Pereira é mestre e doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor do Instituto de Ensino Superior de Brasília (Iesb). Em janeiro de 2005, era o professor-substituto responsável pelo jornal-laboratório *Campus* da UnB.

Além dos autores, participaram diretamente da experiência tratada neste relato, as jornalistas Ana Guerreiro Lacerda, Michelle Mattos, o professor Carlos Muller e os demais alunos que cursaram a disciplina Campus II no segundo semestre de 2004.

Este texto foi apresentado como Relato de Experiência durante o II Encontro de Professores de Jornalismo DF-GO-TO.

Resumo

O texto relata a experiência dos autores na produção da matéria ‘Todos os jornalistas do presidente’, realizada no âmbito do Campus, jornal-laboratório da Universidade de Brasília. A matéria trata dos bastidores da cobertura Presidência da República. Para a tarefa, além dos autores deste relato, foram mobilizadas duas repórteres do jornal Campus, que se dividiam na observação das rotinas e nas conversas com jornalistas e assessores sediados no Palácio do Planalto. A experiência possibilitou tratar no jornal-laboratório de um tema de interesse nacional e deu aos alunos a oportunidade de acompanhar as condições de produção do jornalismo político em Brasília. Foi possível também explorar esse material do ponto de vista da pesquisa científica, com a publicação de artigos que abordaram as rotinas produtivas da cobertura da Presidência.

Palavras-chave: Jornal-laboratório, jornalismo político, rotinas produtivas, Presidência da República.

Neste texto, relatamos nossa experiência na produção da matéria ‘Todos os jornalistas do presidente’, durante nossa passagem pelo *Campus*, jornal-laboratório da Universidade de Brasília (UnB). A matéria trata dos bastidores da cobertura Presidência da República em Brasília. De 11 a 14 de janeiro de 2005, acompanhamos do cotidiano Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto, local onde trabalham os setoristas que cobrem a Presidência da República, e da Secretaria de Imprensa e Divulgação (SID), órgão responsável pelo atendimento aos jornalistas e pela difusão de informações sobre o presidente. Para essa tarefa, além dos autores desse relato, foram mobilizadas duas repórteres do *Jornal Campus*, que se dividiam na observação das rotinas e nas conversas com jornalistas e assessores sediados no Palácio do Planalto. No final, realizamos uma entrevista com o então Secretário de Imprensa e Divulgação da Presidência, Fábio Kerche. O esforço resultou em uma matéria publicada no *Campus* e reproduzida pelo *Observatório da Imprensa* (<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=314DAC001>)

1 Um acesso às condições reais de produção do noticiário

A idéia inicial de levar estudantes para a cobertura do Palácio do Planalto surgiu porque entendemos que seria uma oportunidade de colocá-los em contato direto com a forma de produção de notícias dos grandes veículos de comunicação. Na disciplina *Campus II*, que corresponde ao jornal-laboratório da UnB, o estudante tem o seu primeiro contato com o "fazer jornalístico". Ele atua como repórter,

editor, pauteiro, fotógrafo, produtor, diagramador. Enfim, todas as funções dentro de um jornal. Por outro lado, ele não convive com a concorrência. E a concorrência é um fator fundamental na prática jornalística.

O jornal *Campus* é o único com suas características na UnB. Ele não é diário, de forma que as suas reportagens se aproximam mais do texto de revista - que deve durar por uma semana ou duas. Sua temática, na maioria das vezes voltada para o público da Universidade, implica na elaboração de pautas distintas dos demais veículos impressos de Brasília. Por isso, os estudantes não disputam o espaço de coletivas com os demais repórteres. Aliás, mal vão a coletivas. Eles raramente têm de pedir para as suas fontes não concederem entrevistas para outros jornalistas. Além disso, o tempo de edição é mais longo - uma semana ou duas. Ou seja, praticamente não convivem com a concorrência.

O problema é que, quando eles se formarem - e o *Campus* é cursado normalmente no antepenúltimo semestre - será outra realidade que irão se defrontar. Eles vão logo perceber que um fato que acontece às 18h deve ser escrito rapidamente para a edição do dia, e, de preferência, com algum diferencial. Mais do que isso: verão que a disputa por esse diferencial é algo que terão de administrar todos os dias. Quando o repórter está na rua, ele tem de literalmente mapear o seu concorrente. Não basta você conseguir uma história. É preciso ter a certeza de que nenhum outro jornalista a terá. Senão, como irá responder à tradicional pergunta de editores e secretários de redação: "Essa notícia é exclusiva?"

Esse foi um dos principais motivos para colocar os estudantes dentro da cobertura dos bastidores do que acontece no Comitê

de Imprensa do Palácio do Planalto: sentir a pressão da profissão. Achávamos que era preciso que esses alunos tivessem acesso ao cotidiano das práticas jornalísticas em um ambiente profissional, sujeito às pressões da concorrência.

Ao mesmo tempo, aproveitamos a oportunidade para realizar uma pesquisa acadêmica de observação das rotinas produtivas dos jornalistas que cobrem a Presidência, suas relações com as fontes, com os assessores de imprensa, além de questões ligadas à identidade desses profissionais. Desse trabalho resultou a publicação seis artigos em revistas e anais de congresso da área, quase todos assinados em co-autoria com os alunos.

2 Por que o Palácio do Planalto?

O Comitê do Palácio do Planalto é um dos locais mais nervosos e angustiantes na cobertura de política. Os jornalistas têm de ficar à disposição da agenda do presidente e de seus ministros praticamente todos os dias. Ao mesmo tempo em que a agenda das autoridades é equânime, o grau de competição é visceral. Todos querem retirar algum diferencial de fatos que se mostram praticamente iguais para todos os jornalistas. O resultado, na maior parte das vezes, é que as notícias que lemos a respeito do Planalto e do dia-a-dia do presidente saem praticamente iguais em todos os veículos. Como todos os jornalistas do Comitê fazem um monitoramento minucioso do cotidiano presidencial, são raras as oportunidades de diferenciação. Algo semelhante ocorre em outros comitês em Brasília, como o do Ministério da Fazenda, do Banco Central, da Câmara dos Deputados e do Senado. O jornalista convive com os seus concorrentes. A informação é,

na maioria das vezes, passada de forma igual para todos. Obter o diferente é o desafio.

Colocar os estudantes-jornalistas nesse meio foi uma forma de mostrar esse desafio inerente à profissão. Ao mesmo tempo, eles ficaram totalmente situados no cotidiano dos jornalistas, que envolve momentos de euforia, como declarações de última hora, ou acontecimentos urgentes, e de calma, quando eles aguardam algum acontecimento - momentos esses que poderíamos chamar de "falsa-calmaria" porque, enquanto os repórteres esperam, alguma coisa certamente está acontecendo dentro das salas de reuniões, em encontros, telefonemas.

Nós, jornalistas, convivemos com uma contradição. Se, por um lado, sabemos que não daremos conta de acompanhar todos os fatos do dia, pois eles acontecem em locais e situações às quais nem sempre temos acesso, por outro lado, temos exata a noção de que se a notícia for importante, ele chegará a nós.

Ignacio Ramonet, em uma passagem de *A Tirania da Comunicação*, coloca justamente isso: o risco de o jornalismo se tornar um ofício preguiçoso porque os repórteres sabem que, se algo de importante acontecer, o fato irá aparecer.¹ Se o presidente cair da rampa ou tiver um ataque do coração durante um discurso, essa notícia chegará. Por outro lado, se não ficarmos atentos podemos literalmente perder o fato. Aqui, cabe ressaltar que, no caso dos profissionais de imagem (fotógrafos e cinegrafistas) essa busca

¹ Na referida passagem, Ramonet descreve o jornalista como um sujeito "literalmente asfixiado" por uma "avalanche de informações" e termina com a seguinte conclusão: "Por cúmulo, isto incentiva sua preguiça, pois (ele) não precisa mais buscar a informação. Ela chega por si mesma a ele." O trecho está na pg. 29 de "A Tirania da comunicação".

do factual é constante e extremamente nervosa, pois a eventual queda do presidente acontece uma só vez. Se perder a imagem, não terá o fato.

Os comitês de imprensa nos dão, assim, essa falsa impressão de calma. Está tudo em ordem, mas, ao mesmo tempo, pode não estar. Alguma notícia pode estar sendo produzida. Concorrentes trabalham nas cadeiras ao lado da sua. O que estão escrevendo?

Outro objetivo era fazer uma reportagem sobre a prática jornalística. Cobrir o trabalho dos jornalistas. Contar ao leitor como atuam os jornalistas do Palácio do Planalto. Aqui, o objetivo envolvia primeiro uma característica de revelação - mostrar ao público como são produzidas as matérias sobre o Planalto - e, num segundo plano, transparecer uma avaliação crítica sobre a forma de produção de notícias por aqueles jornalistas.

3 As rotinas do Comitê e as reações à matéria

O resultado nos foi de certa forma surpreendente. A reportagem publicada pelos estudantes-jornalistas mostrou que o trabalho no comitê levava invariavelmente a matérias iguais. A fala do presidente era reverberada praticamente da mesma forma por veículos que competem entre si. Fora algumas exceções - dos grandes columnistas que subiam diretamente ao 3º Andar do Palácio para falar com o presidente ou algum ministro -, a grande maioria dos jornalistas era refém da agenda presidencial.

Quando foi publicada, a reportagem gerou críticas de alguns repórteres de grandes jornais impressos que sustentaram que "fazem o diferencial": buscaram declarações para

além do oficial, procuraram enfoques diferentes para as matérias, tentam contatos constantes com assessores e ministros do Planalto. Eles disseram que a matéria do *Campus* equalizou o trabalho de todos os jornalistas do Comitê, como se todos apenas divulgassem o que chega até eles, o que não seria o retrato fiel do que acontece lá. Foi surpreendente, inclusive, que repórteres experientes literalmente choraram com a publicação da matéria do *Campus*, sentindo-se colocados numa "vala-comum" de produção oficial de notícias. Por causa disso, fizemos uma autocrítica para mostrar que o jornal poderia ter abarcado essa busca por reportagens diferentes por parte de alguns jornalistas, mesmo que inseridos num ambiente onde a tendência é pela equalização. Se o comitê for mesmo uma "vala-comum", há exceções e caberia considerá-las.

Ao final, acreditamos que essa crítica foi importante, pois trouxe aos estudantes-jornalistas a reflexão de que devemos tomar cuidado com as generalizações. Às vezes, dar um retrato fiel sobre determinado lugar é buscar também as nuances que lá existem, e não apenas as características majoritárias ou de mais fácil percepção. Isso vale para outras reportagens que eles forem escrever ao longo da profissão. Devemos buscar características gerais dos ambientes que procuramos relatar. Mas as exceções, às vezes, podem trazer um quadro diferente, inclusive, da forma de produção jornalística.

4 Os reflexos da experiência

A reportagem 'Todos os jornalistas do presidente' possibilitou realizarmos uma experiência distinta do usual em termos de ensino, tratando, no âmbito do jornal-laboratório,

de um tema de interesse nacional e dando aos alunos a oportunidade de acompanhar as condições de produção cotidiana do jornalismo político em Brasília. Ao mesmo tempo, fomentou pontos de discussão em sala de aula sobre os fatos encontrados na cobertura, a melhor forma de enquadrá-los, os problemas surgidos a partir do retorno obtido junto aos jornalistas do Comitê de Imprensa, entre outros.

Pudemos explorar esse material do ponto de vista da pesquisa científica, realizando um trabalho de etnografia praticamente inédito sobre o cotidiano daqueles que atuam na cobertura da Presidência da República. O aproveitamento desse material permitiu a discussão sobre as possíveis relações entre o trabalho do jornalista e do pesquisador, na forma de construção do objeto, da metodologia e da abordagem e de como todas podem ocasionalmente convergir.

5 Referências

PEREIRA, F. H. 'As relações entre jornalistas e assessores de imprensa na Presidência da República: disputa ou cooperação?'. *Comunicação & Política*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 41-56, 2006.

PEREIRA, F. H.; LACERDA, A. G.; SANTOS, M. M. M. 'Rotinas e estratégias dos news promoters na cobertura política nacional: o cotidiano da Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência da República'. *Estudos em Jornalismo e Mídia* (UFSC), Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 155-165, 2005.

PEREIRA, F. H.; LACERDA, A. G.; SANTOS, M. M. M. 'Imprensa, poder e

democracia: Os bastidores da Cobertura Jornalística da Presidência da República'. *Comunicação e Espaço Público* (UnB), v. 5, p. 5-13, 2005.

RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.